



ARQUIDIOCESE DE MANAUS

INSTRUMENTO DE TRABALHO



ASSEMBLEIA SINODAL
ARQUIDIOCESANA

21 A 23 DE OUTUBRO DE 2022



ASSEMBLEIA SINODAL
ARQUIDIOCESANA

APRESENTAÇÃO

Estimados irmãos e irmãs,

Eis o Instrumento de Trabalho, resultado das escutas realizadas na primeira e segunda fase do processo da assembleia sinodal. Como o próprio nome indica são conteúdos e ideias inspiradoras vindas das comunidades para se trabalhar, aprofundando-as através da reflexão e meditação de temas importantes que nos conduzam sempre mais ao caminho da evangelização que liberta as pessoas.

O documento é constituído por cinco partes. Na primeira, trata-se de rever a caminhada, tendo presente que não estamos iniciando um processo de caminhar juntos agora, temos uma longa trajetória desde as Assembleias Pastorais Arquidiocesanas (APA's). Recordamos também que o processo da atual Assembleia tem se construído ao longo de um ano de escutas do Povo de Deus da Arquidiocese de Manaus.

Na segunda parte, o texto apresenta uma visão panorâmica da Igreja de Manaus inserida numa imensa região geográfica formada pela grande capital e outros 07 municípios, onde se encontram centenas de agentes de pastorais leigos e leigas, religiosas, diáconos, padres, bispos a serviço das inúmeras comunidades, pastorais e movimentos e marcando presença do Reino no meio da sociedade.

Na terceira parte, encontra-se a síntese das escutas que foram enviadas para Comissão Sinodal da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil que coordena a participação da Igreja do Brasil no Sínodo sobre Sinodalidade, convocado pelo Papa Francisco a realizar-se em 2023.

Na quarta, quinta e sexta partes encontram-se os desafios pastorais apresentados pelas comunidades, pastorais e movimentos. Sobre eles precisamos colocar o nosso olhar para refletir e meditar com o coração para discernir e tomar decisão através de projetos que estão de acordo com a vontade de Deus para nossa ação evangelizadora.

Por fim, invoquemos o Espírito Santo, protagonista da missão para que nos ilumine e acompanhe no caminhar juntos como Igreja, sinal do Reino, a serviço da vida e da esperança em nossa Arquidiocese de Manaus.

-Comissão Sinodal



*"Desejamos ser uma Igreja viva, de comunhão,
participação, uma Igreja onde todos
anunciam o Reino de Deus"*

*-Dom Leonardo Ulrich Steiner,
Cardeal Arcebispo de Manaus*





INSTRUMENTO DE TRABALHO DA ASSEMBLEIA

I. A RETOMADA DO CAMINHO

A caminhada Sinodal da Igreja de Manaus tem sua grande expressão nas Assembleias Pastorais Arquidiocesanas (APA's). O caminho da atual Assembleia Sinodal segue este percurso. Já nos recordava a carta convocatória: *“Somos iluminados pela caminhada de planejamento pastoral na Igreja de Manaus ao longo de suas 10 Assembleias Pastorais Arquidiocesanas (APA's) onde organizamos o agir da Igreja Local buscando responder aos desafios à Evangelização, priorizando ações eclesiais em favor dos mais fragilizados para que todos tenham vida em abundância. É nesta esteira que pautamos nosso olhar para a própria Igreja e para os desafios que continuam nos interpelando.”*

A 10º APA traçou um plano de evangelização cuja vigência cronologicamente vai se expirando, mas as indicações seguem bastante atuais no que diz respeito aos desafios evangelizadores do fortalecimento da vida das comunidades e dos cristãos batizados, do ardor missionário, do compromisso profético da defesa da vida, da integração da ecologia integral no dinamismo pastoral e na compreensão da Igreja de Manaus como Igreja sinodal.

Agora, avançamos no nosso “caminhar juntos” neste processo de Assembleia Sinodal Arquidiocesana. Nos aproximamos do momento de decidir rumos para nossa ação evangelizadora. Para chegar até aqui **passamos por uma primeira etapa de escuta e atenção à realidade** procurando perceber nossa presença de Igreja nas mais diversas situações desta mesma realidade. Foi o trabalho realizado com aqueles oito subsídios diferentes dirigidos a distintos grupos de agentes. Com o resultado destas escutas, percebemos alguns apelos para nossa ação evangelizadora.



A **segunda etapa** desta caminhada sinodal foi de um **discernimento**, uma docilidade ao Espírito Santo. Iluminados pela Palavra de Deus e pelos ensinamentos da Igreja, percebemos a **necessidade de estarmos mais atuantes, de forma mais comprometida, profética e missionária** em algumas realidades que precisam urgentemente de maior atenção pastoral. Por isso mesmo, o segundo subsídio nos trazia provocações para apontarmos novos caminhos permanecendo fiéis ao Evangelho e ao apelo de uma Igreja em saída.

Agora cabe a nós concretizarmos uma **terceira etapa**: diante do que percebemos dos apelos da realidade, tendo consciência que precisamos ser uma Igreja mais missionária, profética e solidária, **indicar alguns caminhos para serem assumidos em nossa Arquidiocese**.

Foi esse o itinerário que nós traçamos quando a Assembleia Sinodal foi convocada. Resgatamos aqui as orientações do projeto de realização da Assembleia:

Sinteticamente poderíamos dizer que se trata de uma assembleia para discutir a **PRESENÇA DA IGREJA E COMO CRESCER NA IDENTIDADE E ATUAÇÃO ECLESIAL**.

a. **ONDE NÓS ESTAMOS E COMO NÓS ESTAMOS?** *Uma aprofundada leitura da realidade e identificação “onde e como” nos situamos nesta realidade. Aqui estão implicadas nossa organização, nossa atuação, nossos sujeitos e nossas respostas.*

b. **COMO DEVE SER A NOSSA PRESENÇA?** *O momento exige de nós uma capacidade teológica de **discernimento** – um momento oportuno de manifestação do Espírito Santo de Deus, mantendo nossa **fidelidade ao Evangelho**. Em outras palavras, como já foi dito acima buscamos neste processo sinodal o nosso **crescimento como Igreja, sinal do reino de Deus: nossa identidade missionária e nossa presença eclesial**.*

c. **QUAIS NOSSAS NOVAS RESPOSTAS SOLIDÁRIAS?** *Como articular melhor nossa **solidariedade**: a questão dos recursos humanos, financeiros e estruturais devem ser submetidas a uma dinâmica mais ousada de partilha que assegure esta qualidade de presença eclesial.*



Para esta próxima etapa é muito importante que tenhamos clareza de algumas coisas:

- a. **Este também é um momento de ação do Espírito Santo de Deus.** Nossa preparação para esta etapa também é no discernimento, na oração, na comunhão. É importante **intensificar a oração da Assembleia Sinodal** nas comunidades e grupos. Como representantes nesta etapa somos convidados a ser os primeiros animadores desta atitude orante.
- b. Seremos um numeroso grupo de pessoas que representará as diversas forças presentes em nossa Igreja de Manaus: comunidades eclesiais, pastorais, serviços, organismos, ministérios e vida religiosa, movimentos e novas comunidades de vida, além de convidados. Enfim todas as forças de nossa Arquidiocese estarão representadas neste momento. **Não podemos perder de vista a sinodalidade!** Poderia ter sido mais fácil pedir que um grupo de “peritos” fizesse esse trabalho para nós, mas não seria expressão de comunhão. Precisamos da paciência de caminhar com os outros. Este é o jeito de ser da Igreja.
- c. Muitos de nós que iremos participar como representantes, já acompanhamos outras Assembleias Arquidiocesanas (APA’s) onde decidíamos também sobre algumas ações concretas bem pontuais em vista da construção de um Plano de Evangelização. As muitas iniciativas organizadas sempre foram sinais da vitalidade de nossa Igreja, fazemos muitas coisas! Mas, às vezes, estas atividades enchiam nossas agendas e corríamos **o risco de ter uma pastoral mais de eventos do que de processos.** Muitas coisas, mas nem sempre conectadas.

Agora neste momento, **não iremos elaborar um Plano de Evangelização**, mas sobretudo perceber que **precisamos decidir por algumas posturas, caminhos em nossa pastoral.** As muitas contribuições recebidas com o trabalho do segundo subsídio nos ajudarão a identificar a necessidade de **estabelecer PROCESSOS, caminhos que nos ajudem a avançar na evangelização.** Claro que para identificar e estabelecer estes processos precisaremos assumir algumas ações concretas e para isto o trabalho do segundo subsídio nos ajudou.



Será muito importante antes de enfrentar o que nos é interpelado, ter presente quem somos e onde estamos! “*De fato, se algum de vós quer construir uma torre, não se senta primeiro para calcular os gastos, para ver se tem o suficiente para terminar?*” (Lc 14,28)

II. UMA VISÃO PANORÂMICA DA PRESENÇA DA IGREJA EM MANAUS

A abrangência da Arquidiocese

Antes de falarmos dos desafios, queremos ter presente quais as nossas forças hoje na Igreja de Manaus. Não se trata somente de dados ou estatísticas, mas de perceber um potencial que nos caracteriza, bem como identificar lacunas.

A Arquidiocese de Manaus, esta porção do povo de Deus se estabelece em nossa grande capital Manaus e outros 07 municípios do interior (Careiro da Várzea, Careiro Castanho, Manaquiri, Iranduba, Novo Airão, Presidente Figueiredo e Rio Preto da Eva). O território da Arquidiocese abrange, portanto, cerca de 95.347,996 km². Na organização do nosso Estado do Amazonas, todos os demais municípios dependem dos serviços da capital e isto interfere muito na dinâmica da evangelização: uma dinâmica marcada pela **mobilidade**.

A totalidade da população dos municípios da Arquidiocese soma 2.462.061 habitantes, dos quais 2.219.580 estão em Manaus. A maioria dessas pessoas se declaram católicas. Convém lembrar que nos últimos anos a população católica tem diminuído e crescem não somente os que se declaram evangélicos, como os que se afirmam sem religião. A questão da **diversidade religiosa** é outro elemento que toca de perto nosso trabalho pastoral.



Numa Arquidiocese de municípios com expressiva população juvenil, surpreende a presença tímida dos jovens em nossas comunidades ou espaços eclesiais, tendo como consequências a não renovação das lideranças, predominando a presença de pessoas mais idosas nos serviços eclesiais por falta de jovens. Outro destaque também é a presença de **populações indígenas** no mundo urbano. Na periferia existem cerca de 36.000 indígenas. Muitas vezes grupos despercebidos espalhados pelas cidades! Outra estatística que escapa aos processos de recenseamentos diz respeito a muitos “**não contabilizados**”: migrantes, populações em situação de rua. No entanto, a cidade de Manaus recebeu 15.000 venezuelanos e moram cerca de 3.000 haitianos na cidade.

Comunidades e serviços

A presença de nossa Igreja é caracterizada fundamentalmente pelas **comunidades eclesiais** das Paróquias e Áreas Missionárias, articuladas nos setores e regiões episcopais. Atualmente as três regiões episcopais, abrangem os 13 setores onde estão as 57 Paróquias e 36 Áreas Missionárias da Arquidiocese, num total de 930 comunidades.

REGIÃO EPISCOPAL	SETORES	PARÓQUIAS E ÁREAS MISSIONÁRIAS	NÚMERO DE COMUNIDADES
Nossa Senhora dos Remédios	5	39	311
Nossa senhora dos Navegantes	5	36	393
Nossa Senhora Aparecida	3	18	242
3 Regiões Episcopais	13 Setores	93	946 Comunidades



Uma peculiaridade das regiões episcopais é que todas elas abrangem uma parcela do interior do Estado que faz parte da Arquidiocese. A geografia e especificidade destes municípios, não nos permitiram articular uma região episcopal para todo interior. As paróquias do interior estão pelo menos articuladas em um mesmo setor considerando um mínimo de homogeneidade. A **identidade das comunidades** diferenciadas pela localização no interior, nas periferias e nos bairros mais antigos e tradicionais da cidade é outro elemento a ser considerado na articulação da pastoral.

Junto às comunidades, a Igreja Católica é reconhecida também pelos seus serviços e presença em diversos seguimentos da vida das pessoas. A atuação da Igreja, seja para animar a vida de fé dos batizados e das comunidades, seja para o cuidado da vida das pessoas, se articula em pelo menos 21 pastorais organizadas. Destas 14 são caracterizadas especificamente como pastorais sociais atendendo nos campos da Saúde, Criança, Pessoa Idosa, Terra, IST/AIDS, entre outras causas em favor da vida. A estas pastorais somam-se serviços organizados como: Cáritas, Serviço de Animação Litúrgica, Catequese Arquidiocesana à Serviço. A Cáritas Arquidiocesana é a maior expressão da caridade organizada da Igreja. Muitas vezes o limite está no raio de abrangência destes serviços e no pessoal disponível para atuação.



Agentes de evangelização

Para a demanda de acompanhamento destas comunidades e serviços a Igreja organiza seus **agentes** em diversos **carismas e ministérios**, de modo que um corpo numeroso de batizados, ministros ordenados, vida religiosa consagrada, cristãos leigos e leigas articulados também nos movimentos e novas comunidades de vida constituem os sujeitos eclesiais em nossa Arquidiocese.

A presidência deste serviço é confiada ao Arcebispo Metropolitano, o Cardeal Dom Leonardo Ulrich Steiner, assistido diretamente pelos bispos auxiliares. Também outros três bispos eméritos residem na Arquidiocese e dois atuam diretamente na evangelização. São, portanto, 06 bispos residindo em Manaus. Na dinâmica de Evangelização, a figura dos Vigários Episcopais (os dois bispos auxiliares Dom José, Dom Tadeu e Mons José Carlos Sabino) tem sido fundamental para consolidação das Regiões Episcopais.

O clero conta com 189 padres, sendo 120 religiosos e 69 do clero diocesano (entre aqueles das dioceses que nos ajudam e os incardinados no nosso clero local). Os diáconos permanentes atualmente são 52. Se considerarmos a presença dos ministros ordenados e a localização das comunidades percebemos um grande número de comunidades sem a presença deste ministério. O Seminário Arquidiocesano tem seu papel fundamental na construção do clero local, mas os números apresentam um resultado abaixo de uma demanda sempre crescente. A quantidade atual de 20 seminaristas é desproporcional ao número de comunidades.

Outra grande força em nossa Arquidiocese, umas das mais comprometidas, é a vida religiosa consagrada feminina, que conta com 98 irmãs. Ao todo 32 congregações femininas estão estabelecidas na Arquidiocese espalhadas em 35 comunidades religiosas. Sua atuação atende principalmente as comunidades nas periferias e as pastorais, sobretudo sociais. Existe também o mosteiro São Damião – Irmãs Clarissas Sacramentárias com 6 religiosas.



Os cristãos leigos e leigas são incontáveis. Sua principal articulação é o Conselho Arquidiocesano de Leigos e Leigas. Estão presentes em todas as iniciativas pastorais da Igreja de Manaus, são os responsáveis pela animação das comunidades, pela atuação das pastorais específicas, além da incidência na sociedade, no mundo do trabalho e da política.

Outra forma de organização da vida laical são os movimentos, já são 24 na Arquidiocese e as comunidades de vida tem surgido como nova modalidade de vivência batismal, de consagração e de espiritualidade. Na Arquidiocese de Manaus, 14 comunidades são reconhecidas.

Estes diversos agentes vivem **processos diferenciados de formação**, ora com maior sistematicidade, ora com dispersão ou mesmo nenhuma iniciativa.

Recursos e estruturas

As **forças estruturais** que a Arquidiocese dispõe são bastante dispersas e ainda sem maiores ordenamentos. Muito já se caminhou na organização e gestão dos recursos. Por enquanto não temos organizado um preciso balanço patrimonial de imóveis; a principal fonte de captação de recursos é o dízimo, mas assistimos uma pulverização de iniciativas (bingos, rifas, quermesses). A partilha com os 10% do dízimo para Arquidiocese soma um valor oscilante que não atende as demandas de evangelização. O Fundo Missionário de 1% das entradas das paróquias e áreas missionárias não teve a captação esperada. A dinâmica de locação de imóveis gera uma renda que não é compartilhada. A aplicação das arrecadações nas comunidades nem sempre se faz de modo orientado. Tem-se sempre a sensação de não haver recursos e meios para missão evangelizadora. Há um clamor por maior transparência!



Presença pública da Igreja

Podemos falar de uma presença institucional e pública da Igreja. Algumas nos dão visibilidade, como a Rádio Rio Mar; outras embora não sejam juridicamente representativas da Arquidiocese, constituem uma expressão da Igreja Católica como as escolas católicas e as Instituições de Ensino Superior (Faculdade La Salle, Faculdade Salesiana e o ITEPES, já em processo de transição para se tornar a Faculdade Católica do Amazonas). A Fazenda da Esperança, a Casa da Criança, o Pró Menor Dom Bosco, a Escola Agrícola Rainha dos Apóstolos e outras obras sociais ainda mantidas por algumas congregações religiosas e movimentos sinalizam uma presença da Igreja junto à sociedade.

Se olharmos “para fora”, na perspectiva da Igreja em saída, percebemos que todo este complexo que é a Igreja de Manaus, ainda não está suficientemente presente ou dialogando com diversos ambientes e setores da sociedade. A missão ainda não avançou com a devida audácia para “novas paragens”: o mundo da educação e universitário, os profissionais da saúde, maior presença no mundo da política, o diálogo com os participantes do poder na esfera do executivo, e principalmente do legislativo e do judiciário.

É verdade que avançamos em alguns campos, sobretudo aqueles da atuação na promoção humana e da comunicação. Mas, percebemos a perda de alguns espaços como o Ensino Religioso e outros areópagos que poderíamos ter maior influência: cultura, profissionais liberais e formadores de opinião.

Importa que estejamos cada vez mais próximo dos pobres e deles “não nos esqueçamos” (*cf. Gal 2,10*), e os horizontes da missão se alarguem até o alcance da Missão Ad Gentes.

Articular toda esta sadia complexidade que faz parte da Igreja de Manaus é uma tarefa que exige caminhos de comunhão, participação e missão. Hoje retomamos o conceito de sinodalidade, repetidas vezes falamos de pastoral de conjunto. Se não caminarmos juntos, poderemos acentuar esta dispersão de forças, cada um cuidando de seu pequeno espaço sem “*avançarmos para águas mais profundas*” (*Lc 5,4*).



III. IGREJA DE MANAUS E SINODALIDADE

Convocados para participar do processo do Sínodo sobre a Sinodalidade, o caminho de nossa Assembleia Sinodal, não seguiu de modo paralelo, mas constituiu um mesmo itinerário, de modo que, o processo de escuta implementado na Arquidiocese, também ofereceu elementos para o Sínodo de toda Igreja. Segue agora o resultado de nossa contribuição – uma leitura de nossa realidade eclesial em chave de sinodalidade.

SÍNTESE DIOCESANA PARA O SÍNODO 2023 – ARQUIDIOCESE DE MANAUS

A QUESTÃO FUNDAMENTAL: *O caminhar juntos na Arquidiocese de Manaus*

Desde a carta convocatória da Assembleia Arquidiocesana já se fazia uma releitura da caminhada sinodal da Igreja de Manaus: “Somos iluminados pela caminhada de planejamento pastoral na Igreja de Manaus ao longo de suas 10 Assembleias Pastorais Arquidiocesanas (APA’s) onde organizamos o agir da Igreja Local buscando responder aos desafios da Evangelização, priorizando ações eclesiais em favor dos mais fragilizados para que todos tenham vida em abundância. É nesta esteira que pautamos nosso olhar para a própria Igreja e para os desafios que continuam nos interpelando. [...] O caminho da sinodalidade que faz parte de nossa história é o melhor modelo eclesial para uma Igreja tão ampla.

Já havíamos apontado este caminho na última APA: uma Igreja Sinodal. Os diferentes serviços, ministérios, sujeitos eclesiais; nas diferentes modalidades de discipulado missionário: o ministério ordenado, a vida consagrada, a vocação batismal dos cristãos leigos e leigas, as novas experiências comunitárias; nas diversas formas de estruturação: pastorais, movimentos, serviços e organismos, são chamados a uma articulada e dinâmica comunhão”.



Das escutas emergiram estas percepções:

Os organismos de comunhão, coordenações, conselhos, equipes de serviço são uma grande expressão da sinodalidade em nossas comunidades, eles favorecem o caminhar juntos. Da mesma forma a fé celebrada em comunidade sinaliza esta unidade de caminhada. Este caminho sinodal ganha também outras visibilidades por causa da presença solidária da Igreja na vida das pessoas como expressão de misericórdia, esperança e profecia: com largueza as famílias reconhecem maior aproximação por meio das visitas com presença fraterna e solidária; a multiplicação de campanhas e atenção aos vulnerabilizados com distribuição de alimentos e outros gêneros. Estas ações ainda não foram assumidas na sua totalidade pelas comunidades, ainda há ausências destes sinais de misericórdia em algumas comunidades.

Para as comunidades mais distantes, o sentido de pertença a Arquidiocese é assegurado por meio dos encontros das comunidades da mesma área, das coordenações, mas ainda assim as comunidades não se sentem suficientemente orientadas pela Arquidiocese. Não entendem porque os sacramentos devem ser cobrados (pagos) nestas comunidades. As ações sociais nem sempre chegam até estas comunidades a não ser a partir das iniciativas locais (festejos).

01. Os companheiros de viagem

Os cristãos leigos e leigas - grupo mais numeroso na ação evangelizadora, constituem a grande força da Arquidiocese, presentes e atuantes como sal e luz. Estão presentes nas comunidades, nos movimentos eclesiais, nas pastorais específicas, nos diversos ministérios, em diversos organismos de participação (conselhos, coordenações) vivenciando o batismo com uma presença missionária, profetas da esperança, grande expressão da Igreja em saída. São eles e elas que vivem no mundo sua condição de trabalhadores, de agentes sociais, no campo da política, com entusiasmo e alegria.



Os presbíteros - um grupo expressivo, mas não suficiente, na sua maioria estão ligados às comunidades eclesiais das Paróquia e Áreas Missionárias. O exercício do ministério é carregado de muitas tensões: são chamados a cuidar do rebanho com os sentimentos de Cristo Jesus e ao mesmo tempo ser gestores de bens, de pessoas, de relações e de conflitos. Um grupo bastante diversificado que muitas vezes são submetidos a um novo aprendizado: aprender a Igreja que está na Amazônia e que está em Manaus. O modo de exercício do ministério é comunitário, isto é, se realiza no presbitério e implica uma disposição para os colegas superando o risco do isolamento. Não tem faltado iniciativas da Arquidiocese para favorecer esta aproximação e os encontros do Clero (reuniões, lazer, concelebrações) tem sido grande expressão deste esforço. Muitas vezes a fraqueza pessoal está na raiz das atitudes de isolamento.

Os diáconos permanentes – colocam-se com disponibilidade e despojamento para os serviços na Arquidiocese, exercendo o ministério sobretudo em Paróquias/Áreas Missionárias nas diversas Pastorais e celebrações, “*suprindo*” a ausência do padre. Procuram articular a vida ministerial com a vida em família, uma vez que a família também participa do ministério e da missão. Com os cristãos leigos e leigas a relação é respeitosa e com os presbíteros é de comunhão, embora algumas vezes não se sintam envolvidos em processos de planejamento.

A vida religiosa consagrada (feminina) – presente de forma numerosa na Arquidiocese, diante dos apelos da evangelização. Preocupam-se particularmente com a formação do laicato e com os batizados das comunidades mais distantes; com o direito das mulheres e crianças violentadas e da vulnerabilidade da juventude.

Na percepção do processo de escuta, foram identificados aqueles que estão mais distantes neste caminhar: dentre as pessoas a serem alcançadas nessa dinâmica em saída, se percebe com destaque a juventude. A ausência dos jovens em sua força revolucionária é sentida nas comunidades.



As comunidades indígenas ganharam mais visibilidade na cidade; sentem-se respeitadas pela Igreja Católica, e agradecidas pela sua presença nas lutas, pela valorização e respeito da espiritualidade e cultura milenar. A Igreja soube se redimir historicamente e foi capaz de acolher elementos da cultura indígena em suas expressões.

Já temos algumas iniciativas na acolhida dos migrantes e pessoas em situação de rua, mas a partilha de recursos ainda é pequena e em algumas situações nem existe. Em se tratando de pessoas com deficiência dispomos de alguns ensaios como acessibilidade em nossos espaços comunitários, algumas celebrações específicas voltada para este público e tradutores para surdos em algumas celebrações.

02. Ouvindo:

As comunidades ribeirinhas e rurais sentem a necessidade de serem mais ouvidas. Diante do desafio da logística estas comunidades esperam maior ajuda e suporte para continuarem se sentindo motivadas. Nem sempre a acolhida às populações indígenas é unânime, alguns não se sentem à vontade ou acolhidos, até chegam a aderir as Igrejas Evangélicas o que enfraquece a identidade original. Os cristãos leigos e leigas muitas vezes se sentem sozinhos e com atuação tímida. A presença na sociedade (mundo da cultura, universidades, comunicação, justiça, política e ecologia) ainda é tímida. Há o clamor para que se avance na escuta e diagnóstico dos desafios, na denúncia das violações, no distanciamento do fanatismo religioso, participação nos movimentos sociais, engajamento na política, enfim, uma atuação mais articulada na sociedade.



Os presbíteros esperam da Arquidiocese transparência e clareza na prestação de contas e gestão dos recursos arrecadados. Assim como também melhor socialização de informação sobre as áreas onde se deve aplicar investimentos missionários. Diáconos permanentes ainda sentem alguma resistência a este ministério em alguns setores da arquidiocese. A vida religiosa feminina se sente, de um lado, angustiada com ausência de integração, falta de apoio do clero e das paróquias e falta de confiança no laicato; por outro lado, entusiasmada com a evangelização e sempre aberta e disponível. As religiosas se sentem desafiadas, embora nem sempre solicitadas.

Não obstante estas lacunas, crescemos na capacidade de escuta uma vez que os organismos de participação permitem o debate. Da mesma forma podemos dizer que as comunidades se tornaram um grande instrumento de escuta e não somente de anúncio. Este caminho de escuta sinodal ganha também outras visibilidades por causa da presença solidária da Igreja na vida das pessoas como expressão de misericórdia, esperança e profecia: com largueza as famílias reconhecem maior aproximação por meio das visitas com presença fraterna e solidária; a multiplicação de campanhas e atenção aos vulnerabilizados com distribuição de alimentos e outros gêneros.

O processo iniciado de escuta deve avançar e ampliar a participação das comunidades que anseiam ser ouvidas.

03. Falando:

É bonito perceber que a experiência da Igreja doméstica ainda tem seu peso no processo de conversão e escolha da experiência de fé: famílias católicas que ainda vivem a experiência de perpassar a fé de pais para filhos.



A presença da Igreja nas mídias (rádio e TVs católicas) e novos canais de redes sociais tem sido uma ferramenta de alcance das pessoas, os meios de comunicação se tornam também um areópago oportuno de participação na missão. Lamentavelmente, também nos novos meios de comunicação propagam “desinformações” como publicações nas redes sociais contra a Igreja, contra a Conferência Episcopal (CNBB) e estes meios não são regulados.

O alcance das pessoas depende do modo como nossa pastoral está estruturada e esta dificuldade se torna maior, dado o enfraquecimento da voz dos cristãos leigos e leigas em uma Igreja que tem mais peso a voz dos padres.

O crescimento como Igreja profética implica em assumir um discurso sempre mais embasado na Palavra de Deus – um discurso que é anúncio – a proclamação da verdade.

04. Celebração:

Destacamos aqui a força da Palavra de Deus, círculos bíblicos e Leitura Orante, e a vida litúrgica das comunidades, seja por meio das celebrações eucarísticas, da celebração da Palavra, dos momentos de adoração, novenas e outras formas de piedade popular. Especificamente quanto a vida litúrgica das comunidades, por um lado, há uma queixa de discursos acentuadamente marcado por questões políticas e pouco anúncio da Boa Notícia, por outro lado se reconhece um distanciamento da celebração do mistério, de algumas questões latentes na vida do povo.

Os tempos recentes de pandemia tornaram ainda mais evidente o quanto são importantes encontros que dão visibilidade à nossa comunhão como a Festa de Pentecostes e as procissões.



Para as comunidades rurais ou ribeirinhas é uma alegria a celebração da fé e quando a mesma é enriquecida com a vida sacramental (batizado, casamento, 1ª comunhão) se torna uma festa. Mesmo com a ausência do presbítero é importante a presença de um ministro para celebração. As vezes até mesmo a participação no “*culto da igreja evangélica*” se torna uma oportunidade para a comunidade celebrar a memória de Jesus.

Em geral, muitas comunidades se ressentem com a celebração eucarística apenas mensalmente.

Importante neste aspecto torna-se o papel do laicato. Podem ser os grandes protagonistas para uma presença mais inculturada da Igreja na Amazônia, pela capacidade de diálogo e pela flexibilidade diante de barreiras e preconceitos. Podem atuar para que realidades como festejos de padroeiros, a vida litúrgica nas comunidades, sejam acentuadamente marcadas por elementos amazônidas; ocupando espaço nos diferentes ministérios, como agentes locais conhecedores da realidade poderão ajudar os irmãos para que lutem por seus direitos, cuidem da casa comum, consigam unir cristianismo e cultura.

Neste sentido, um caminho se torna a possibilidade de novos ministérios, valorizando as mulheres, com agentes liberados para determinados serviços. Para isso é necessário ampliar a participação nos espaços de decisão. Poderiam avançar em vista de uma presença nos lugares mais distantes podendo realizar algumas ações sacramentais. A partir dos cristãos leigos e leigas, os ministérios teriam um perfil acentuadamente missionário: catequistas missionários, seminaristas missionários, diáconos missionários; jovens participando do ministério. Ministérios de escuta e presbíteros que deixaram o ministério voltassem a exercer cuidados pastorais. Também cogitam a possibilidade que outras pessoas pudessem presidir a eucaristia.



05. Corresponsáveis na missão:

Sinodalidade e missionariedade são conceitos concretos e intrínsecos; a proposta do Sínodo é clara para nossas comunidades: comunhão participação e missão! Em geral nossas comunidades se reconhecem como missionárias. Muitas delas nasceram de experiências missionárias e com espírito missionário. Reconhecem assim o perfil de suas atividades: novenários e terço nas casas, celebrações e diversas ações pastorais, visita aos doentes e evangelização nas redes sociais.

Na Arquidiocese, o conceito de área missionária (como nova experiência de comunidade de comunidades) deverá ser mais indicativo deste perfil, nem sempre somos missionários mesmo se nos organizamos como área missionária. As vezes as ações são pontuais em determinado período ou data. Há o risco da acomodação, da zona de conforto e da presença repetida nas mesmas casas. Continua pertinente o clamor que todos sejam missionários. Se reconhece a necessidade também de passar de uma pastoral de acentuação sacramental para uma pastoral que vá ao encontro dos afastados.

A percepção de uma Igreja em saída se dá prioritariamente pelo contato com as pessoas e com as diferentes realidades, para tal, destaca-se a riqueza das dinâmicas de visita como modo de atuação de diversas pastorais. Também estariam implicadas mudanças na aplicação de investimentos na Arquidiocese. Se poderia fortalecer o Fundo Missionário, pensar os projetos e captação de recursos coletivamente, maior compartilhamento com as comunidades mais pobres, maior transparência no uso dos recursos, diferenciar as taxas de contribuição, além de uma redistribuição de pessoal – melhor distribuição do clero.

Da mesma forma, os diáconos permanentes reconhecem que na tríplice dimensão do serviço diaconal, aquele da caridade é o mais “tímido” e o serviço missionário se desdobra no âmbito dos serviços eclesiais. Um maior avanço no campo da promoção humana encontra dificuldades na limitação dos próprios diáconos. Maior ousadia tem as religiosas: estão dispostas aos lugares mais distantes, aspiram a descentralização das atividades, o acompanhamento dos fragilizados e o cuidado da casa comum



06. Diálogo na Igreja e na sociedade

Reclamou-se maiores dinâmicas de escuta e diálogo. Já foi acenado anteriormente o enfraquecimento da voz dos cristãos leigos e leigas em uma Igreja que tem mais peso a voz dos padres. Se espera também do ministério ordenado uma presença mais frequente nas comunidades, conversando com clareza, evitando posturas extremas. É importante que se cuide dos agentes de pastoral que são numerosos em nossos serviços: percebemos que fazemos muita coisa, mas podemos estar desconectados. Ou podemos também dizer que existem iniciativas, mas emerge a questão da ausência de conexão – precisamos do trabalho em rede

A Igreja como um todo sinaliza sua abertura ao diálogo à medida em que, saindo do centro e de modelos centralizados, se coloca ao lado dos pobres, alimentando a esperança. Se reconhece, no entanto, que em seu processo evangelizador, a Arquidiocese como um todo deve crescer no diálogo com outros interlocutores, atores sociais, integrando também o poder público em algumas ações das pastorais sociais.

07. Ecumenismo:

A profecia a partir da Palavra pode favorecer o caminho do diálogo com as outras Igrejas Cristãs e de outras tradições religiosas. Algumas iniciativas pastorais nos permitem este diálogo, como as Campanhas da Fraternidade Ecumênicas e a Pastoral da Criança entre outras. O Diálogo já é uma experiência nas famílias onde os membros se identificam com Igrejas Cristãs ou religiões diferentes. Por enquanto ainda estamos muito na esfera do respeito, não tanto da comunhão.



08. Autoridade e participação:

O clericalismo é a atitude reconhecida que dificulta e desequilibra a relação com os cristãos leigos e leigas e outros sujeitos da vida eclesial. Não é uma atitude só dos padres, é um modo de viver a eclesialidade. As vezes a tarefa pode ser de desclericalizar os leigos. Para favorecer estas relações é necessário apostar nos processos de decisão participados: decisões comuns, planejamentos comuns, conselhos participativos, participações comuns. Temos uma larga experiência em nossos organismos e conselhos de participação e deliberação.

09. Discernir e decidir

O caminho da Assembleia Sinodal Arquidiocesana, na esteira das Assembleias de Pastoral da Arquidiocese são indicativos do perene cuidado para que a diversidade e complexidade de uma Igreja Particular tão diferenciada não se perca do caminho da comunhão: “As comunidades eclesiais continuam sendo o ambiente privilegiado para o exercício desta comunhão. Comunhão expressa nas Regiões Episcopais e Setores. Só o Espírito pode nos assegurar a sinodalidade missionária de todo o povo de Deus na nossa Arquidiocese”. Trata-se da conversão sinodal: “... buscamos novos caminhos eclesiais, sobretudo na ministerialidade e sacramentalidade da Igreja com rosto amazônico. A vida consagrada, os leigos e, entre eles, as mulheres são os antigos e sempre novos protagonistas que nos chamam a esta conversão”. (Sínodo para a Amazônia, Documento Final, 86).

Em geral a percepção é que a conversão pastoral em nossa arquidiocese tem acontecido de modo muito tímido, embora se reconheça que muitos passos foram dados. Se mudam as opções pastorais em processos de assembleia, mas não acompanha uma mudança de mentalidade, o que emperra o avanço de muita coisa.

Os espaços de decisão devem ser compartilhados por novos atores: os cristãos leigos e particularmente as mulheres.



09. Formando-nos em sinodalidade:

Se reconhece a necessidade de um processo de formação mais consistente, deve ser fortalecido e não necessariamente multiplicado. Há muita dispersão. Os cristãos leigos e leigas devem ser os principais destinatários deste consistente processo, mas da mesma forma, os ministros ordenados tem necessidade de prosseguir com a formação que é permanente, mas nem sempre este processo é sistemático, depende também da disposição pessoal. O acúmulo de tarefas reduz a uma busca de respostas mais imediatas sem um processo reflexivo mais cuidadoso.

A presença na sociedade (mundo da cultura, universidades, comunicação, justiça, política e ecologia) exigiria um caminho de formação mais sólido e sistemático para que se avance no diálogo com a sociedade civil com competência e engajamento. Destacamos aqui a questão da formação política e o conhecimento da Doutrina Social da Igreja, outro elemento também é o desconhecimento de como atuar de modo mais eficaz junto a estas realidades para não ficarmos em ações fragilizadas com incidência muito limitada. Até existem iniciativas, mas novamente emerge a questão da ausência de conexão – precisamos do trabalho em rede.



“O que o Espírito diz às Igrejas” (Ap 2,7)

Ainda prosseguimos com o caminho da Assembleia Sinodal Arquidiocesana. Como referimos, um segundo subsídio enviado às comunidades nos trará novos elementos de caráter mais propositivo. Mas as escutas até então já ofereceram alguns indicativos e inspirações:

- A experiência da pandemia nos permitiu perceber a possibilidade de outros caminhos;

- Percebemos o crescimento das comunidades, embora timidamente;

- Se reconhece a necessidade de passar de uma pastoral de acentuação sacramental para uma pastoral que vá ao encontro dos afastados;

- Emergem algumas pistas, ou pelo menos um anseio para que a Igreja de Manaus avance como Igreja em saída, em uma evangelização mais ousada e inspirada em Jesus Cristo;

- Do ponto de vista das nossas iniciativas pastorais, se torna mais evidente uma ação em favor dos pobres a partir das Pastorais da Criança, da Saúde, das Pessoas em Situação de Rua, das Pessoas com deficiência, dos Surdos, dos Migrantes, na atuação da Cáritas Arquidiocesana e nas campanhas da Jornada Mundial do Pobre, do Natal Sem Fome. A Pandemia mostrou a força da Igreja neste aspecto - fato é que somos uma Igreja Solidária;

- Se espera que a Assembleia Sinodal reafirme a opção pelos pobres e excluídos, torne-se uma igreja mais acolhedora, em saída que se ocupe com a formação política, capaz de avançar no diálogo ecumênico e na acolhida das diferenças, no cuidado da casa comum, atenção à juventude, acentuar a presença religiosa nas comunidades do interior.



IV. NOVOS APELOS À NOSSA PRESENÇA ECLESIAL

Esta é uma parte muito importante deste instrumento de trabalho, mas não pode ser compreendida sem as anteriores. Apresentamos aqui os resultados dos trabalhos com o segundo subsídio. Foram não somente tabulados ou sintetizados, mas também interpretados. As contribuições foram reveladoras de caminhos, compreensões, que perpassam nossa atuação pastoral, ao mesmo tempo nos mostraram que precisamos não somente decidir atividades, ainda que nos pareçam prioritárias e urgentes, mas estar atentos a assumir processos, direcionamentos sem os quais nossa ação evangelizadora não caminhará.

Quando foram coletadas as centenas de contribuições dos primeiros subsídios, foram também identificadas algumas questões fundamentais para a dinâmica evangelizadora da Igreja: a necessidade de um **“relançamento missionário”** e converter a ação pastoral para que não fique apenas na conservação do que existe, e neste ardor missionário **“dirigir-se apressadamente”** (cf *Lc 1,29*) aos **jovens**; o importante **papel das comunidades** na experiência de fé dos batizados, a urgência da retomada de **iniciativas de formação**, porém mais sistematizadas e integral; a **articulação** das inúmeras iniciativas de serviços de **promoção da vida**; integrar a perspectiva da **ecologia integral** em toda ação pastoral; crescer no caminho de uma **espiritualidade encarnada**, alimentada por uma vida litúrgica celebrada com zelo.

O que apareceu como respostas deste processo com os subsídios tem muito a ver com o que nos orientam as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, do nosso Regional Norte 1 e com os sonhos da Querida Amazônia. Veremos agora, cada um destes elementos destacando o que foi evidenciado a partir do segundo subsídio, retomando inclusive algumas motivações ali apresentadas.



a. IGREJA EM SAÍDA - MISSIONAREDADE: *iniciativas missionárias*

O Documento de Aparecida nos convoca ao **estado permanente de missão** (DAp 551) – não se trata de uma atividade pontual – mas da identidade da Igreja. “*Esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais*” (DAp 365). É o que a *Evangelii Gaudium* nos apresenta como uma **Igreja em saída** (EG 20-24). Na Arquidiocese já tivemos algumas ousadias no campo da animação missionária. É hora de retomar esta renovação eclesial.

Como está sendo insistido, não se trata somente de priorizar algumas “atividades de natureza missionária, mas construirmos um **PROCESSO DE ESTADO PERMANENTE DE MISSÃO**. Muitas vezes algumas propostas giram em torno de nós mesmos, ou então visam somente um limitado alcance de nossas comunidades.

Propostas de iniciativas em vista de um processo da animação missionária:

01. Intensificar atuação do **COMIDI** e por meio dele, os COMIPAS, a Infância e Adolescência Missionária, Juventude Missionária, a Campanha Missionária e o mês missionário

02. Intensificar as visitas missionarias por meio de **Equipes Missionárias Itinerantes**

03. **Santas Missões Populares**

04. Reorganização da **presença dos ministros ordenados e da vida religiosa** nas comunidades mais distantes

05. Projeto de evangelização por meio da **Igreja doméstica**

06. Promover a **vocação missionária**

07. **Escolas** missionárias (setores)

*** Juventudes**

01. **Momentos culturais** para as juventudes

02. Envolver os jovens nos **processos com as novas mídias**

03. **Inclusão da juventude em todos os caminhos** delineados pela Assembleia Diocesana



b. AS COMUNIDADES ECLESIAIS: *o fortalecimento da presença missionária nas comunidades mais distantes (periferias e interior)*

Pequenas comunidades oferecem um ambiente humano de proximidade e confiança. **O importante é que não estejam isoladas** e os ministérios ajudem-nas a se manterem em comunhão com a Igreja particular (cf. DGAE, 34). Devem ser **comunidades cheias de vida**, com uma **diversidade ministerial** e presença estável de responsáveis leigos, maduros e dotados de autoridade, principalmente as **mulheres** (cf. QA 91-103).

Propostas de iniciativas em vista de um processo do fortalecimento das comunidades:

01. **Grupos de Leitura Orante** nas comunidades
02. Retomar a dinâmica das **comunidades eclesiais de base**
03. **Projeto “Igrejas Irmãs”** – apadrinhamento de comunidades
04. **Mapeamento das comunidades e financiar presença missionária** firme e duradoura

c. CAMINHOS DE FORMAÇÃO: *Projeto de Formação Permanente para os cristãos leigos e leigas*

Estes processos de formação, pautados no anúncio da Palavra, **devem também ser um processo de escuta, de interculturalidade, que levem em conta as raízes e identidades locais**. O desafio é **orientar os processos de formação** para que tenhamos um **caminho de unidade**, apesar das necessidades de **acompanhamentos diferenciados e inculturados**.



Propostas de iniciativas em vista de um processo de formação sistemático:

01. Animação vocacional para **novos agentes** de pastoral
02. **Centro** (casa) **de referência para formação continuada** – integral (MAROMBA?) ou nas regiões episcopais
03. Processo de **escuta e diálogo** em vista da elaboração de um projeto de formação - diagnóstico
04. Elaboração de um **Plano de Formação Permanente**
05. **Iniciação à vida cristã** – catequese do povo
06. Intensificar a participação nos cursos oferecidos pelo ITEPES
07. Escolas de **Fé e cidadania**
08. Escolas (bíblicas, litúrgicas, catequética e ministérios) de formação permanente nos setores – regiões episcopais
09. **Projeto de formação diferenciado** para as comunidades do interior
10. **Equipes de formação permanente** - itinerante
11. Qualificação de **formadores**
12. Elaborar **material** (cursos/estudos) **em mídias** (gravado) para as comunidades do interior e das periferias
13. Fortalecimento do **Conselho Arquidiocesano de Leigos**
14. Definir um **percentual do dízimo** para aplicação na formação
15. **Parcerias** com Instituições de Ensino – Faculdades Católicas
16. **Recursos** (aplicativos) para espaço de formação nas mídias
17. Criação de uma **faculdade católica**

d. SERVIÇO À VIDA: *articulação das iniciativas*

No cotidiano da pastoral ainda se percebe uma ausência de ações sociais ou projetos mais sistematizados. Eles existem pontualmente em inúmeras iniciativas, mas um desafio pode ser **passar da atuação em situações pontuais para um trabalho sistemático.** Fato é que somos uma Igreja Solidária



Propostas em vista da articulação das iniciativas de serviço à vida:

01. Mapeamento, diagnóstico a partir da escuta da realidade dos pobres
02. Construir rede e divulgar iniciativas que geram protagonismo nas comunidades e grupos
03. Divulgação dos projetos desenvolvidos pela caritas
04. Realizar amostra de projetos sociais existentes para troca de experiências e fortalecimento das redes de solidariedade local e diocesanas
05. Estruturar as atividades existentes nas paróquias – caritas paroquiais

e. CUIDADO DA CASA COMUM – *Ecologia Integral*

A questão ambiental, o cuidado da casa comum deve perpassar todas as ações da evangelização: o anúncio missionário, o fortalecimento das comunidades, a formação dos agentes, a defesa da vida e a celebração da fé.

Propostas de iniciativas em vista de um processo de integração da questão sócio ambiental em toda a pastoral:

01. Retomar o Plano de Evangelização (X APA)
02. Oficializar a pastoral da Ecologia Integral na Arquidiocese
03. Reunir em rede as diversas ações ambientais, sociais e de prevenção
04. Realizar Congresso *Laudato Sí*
05. Formação, informação e sensibilização – educação familiar

- Povos Indígenas

01. Mapear as comunidades indígenas em Manaus e no interior
02. Apoiar as comunidades indígenas



f. VIDA LITÚRGICA E ESPIRITUALIDADE ENCARNADA

As **Diretrizes da Ação Evangelizadora** falam da liturgia e espiritualidade como um pilar da evangelização – **o pilar do pão**. Isto também implica em assegurar a celebração da fé nos lugares mais distantes. É o sustento do discípulo missionário (DGAE 93-101). A **Evangelii Gaudium**, por sua vez, nos exorta ao desafio de uma espiritualidade missionária (EG78-80), chama atenção insistentemente à preparação da pregação (EG 135-175) destacando os processos de acompanhamento e acusa a falta de cuidado espiritual dos pobres (EG 200).

Propostas de iniciativas que favoreçam um processo de identidade cristã fundamentada numa espiritualidade encarnada:

01. Investir na **Iniciação à vida cristã** e formação de catequistas
02. **Catequese litúrgica** com o povo
03. **Formações litúrgicas** e itinerários que possibilitem liturgias mais inculturadas
04. Qualificação das **homilias** – linguagem e conteúdo
05. Favorecer a **Leitura Orante** participada por membros da comunidade
06. **Igrejas** (templos) **abertas** com a presença de ministros para atendimento
07. Tornar visível o **espaço litúrgico como local de acolhida**
08. **Grupos de escuta**
09. Dar atenção aos (i)**migrantes** e inseri-los na celebração comunitária valorizando sua cultura e língua materna



V. ARTICULAÇÃO DA SOLIDARIEDADE E AUTOSUSTENTAÇÃO

Desde o projeto de itinerário da Assembleia Sinodal, uma das tarefas é a indicação de caminhos de solidariedade e partilha que nos permitam financiar as iniciativas de evangelização de modo mais consistente. Algumas questões provocaram diretamente como garantir recursos para intensificar a atividade missionária, para favorecer às comunidades mais fragilizadas, para financiar processos de formação mais sistemáticos. A questão dos recursos, sua captação, aplicação e prestação de contas é uma questão crucial na vida das comunidades e não podemos prosseguir com um modelo que não seja expressão de uma Igreja solidária e sinodal. Urge um passo mais expressivo para além das iniciativas já vivenciadas até agora.

Propostas de iniciativas para processos de partilha de recursos:

01. Percentual para **fundo missionário** e iniciativas sociais na periferia e interior
02. Pastoral do **Dízimo**
03. **Campanhas** de arrecadação missionária – dia de **coleta**
04. **Campanha nacional** de arrecadação para evangelização na Amazônia
05. Favorecer **dia de ação social** permitindo venda de produtos das comunidades rurais
06. Partilha de **capital humano**
07. **Parcerias** com órgãos governamentais
08. Projetos para **fundos internacionais**
09. **Descentralizar a aplicação dos recursos** nas Paróquias
10. **Prestação de contas** transparente dos recursos e projetos apoiados pela Arquidiocese
11. **Formação** para agentes (párocos e administradores) **na área da administração**, economia e finanças



VI. IGREJA DE MANAUS E COMUNICAÇÃO

O Documento de Santarém (2022) nos lembra que “...a questão da comunicação é fundamental, não somente como uma questão de uso eficiente dos meios, mas a partir das próprias dinâmicas de relação, na Igreja e desta com a realidade que a cerca. Na Amazônia queremos promover uma cultura comunicativa que favoreça o diálogo, a cultura do encontro e o cuidado da Casa Comum” (Doc Santa 2022, 68-69)

a. Instrumentos de comunicação

01. Revista Arquidiocese em Notícias, rádio Rio Mar
02. Site / aplicativos católicos, plataforma de webmail, e-mail marketing e podcast
03. Rádios comunitárias

b. Evangelização e novas mídias

01. Usar redes sociais para comentar quotidianamente o Evangelho
02. Implantar a PASCOM em cada Paróquia / Área Missionária
03. Novenas e encontros virtuais
04. Programação da rádio com maior qualificação a partir da mística e cultura amazônica
05. Processos de formação online

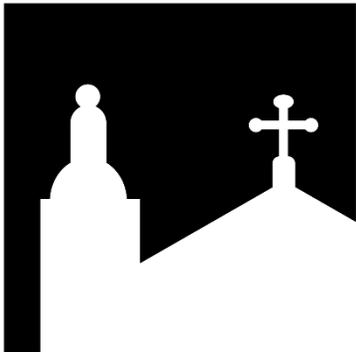




ASSEMBLEIA SINODAL
ARQUIDIOCESANA



ASSEMBLEIA SINODAL
ARQUIDIOCESANA



Arquidiocese de
MANAUS



ASSEMBLEIA SINODAL
ARQUIDIOCESANA